

SERÁ QUE O ALUNO NÃO TEM MAIS JEITO?



Vi um movimento estranho no corredor e fui até a porta.

-Chegou, o pai chegou!

Eu não sabia que pai era esse, tampouco que era de um aluno meu, que tinha pedido uma reunião com as professoras do menino e a coordenação. O que eu percebi é que era temido porque o nervosismo da outra professora que divide matérias comigo era visível. Talvez tivesse acontecido algo antes de eu assumir a turma que não tivessem me contado. Como entrei no meio do ano, há pouco mais de 1 mês, talvez ainda não soubesse.

Fomos chamadas na coordenação.

- O responsável está subindo!

Quando entrei na sala, deparei-me com a mesa que é utilizada nesse tipo de situação, completamente vazia. Estranhei imediatamente, pois normalmente tem livros e relatórios e muitas outras coisas, utilizadas principalmente pela psicóloga e pelas professoras quando as crianças têm aulas de inglês e precisamos sair da sala de aula. Não conseguia parar de pensar qual poderia ser o problema.

O menino não apresentava grandes "problemas", tinha bastante dificuldade em português, algumas trocas de fonemas (apesar de já estar no 5º ano), mas pelo que tomei conhecimento do histórico escolar, achei compreensível e superáveis as suas dificuldades, então só poderia ser outra coisa...

Era uma mesa redonda que estava encostada na parede, sentei do lado direito, na cadeira encostada e imediatamente a seguir a outra professora na extremidade oposta também encostada à parede.

A professora esfregava as mãos, e mostrava sinais de muita preocupação. Pediu com muito fervor que a coordenadora sentasse ao lado dela para que o pai não o fizesse.

Eu estava cada vez mais preocupada, comecei a achar que realmente havia motivo para isso e ficou pior quando a coordenadora da educação especial disse para ficarmos calmas que se fosse necessário ela interviria. Quem seria esse pai? O que teria acontecido de tão grave? Infelizmente essas perguntas vieram à cabeça, mas não deu tempo de perguntar.

O pai entrou, foi cumprimentado e sentou ao meu lado, na única cadeira vazia. Ele estava de boné, com um enorme cordão dourado no pescoço, pulseiras, tudo que indicava um "figurão".

Eu já havia me deparado com alguns nesses anos de escola, mas sempre em escola pública nunca em uma particular.

- Quero que me digam como ele "anda". O que eu faço?

Tanta preocupação com um pai que quer ajuda? Qual é o problema?

Enfim, a única coisa que ele queria era saber como ajudar seu filho que

teve uma péssima alfabetização, passou de ano em ano sem superar todas as dificuldades encontradas, e o mais importante, tinha começado um relacionamento com o pai naquele ano. Não se conheciam e passaram a viver juntos.

Imediatamente a coordenadora começou a justificar as falhas do menino explicando que chegou na escola fazendo assim ou assado, ao invés do modo tal, que ele precisava de fonoaudióloga, de terapeuta...

Eu não vi isso tudo em sala de aula, será que estavam falando de quem eu achava que era?

Decidi tomar a palavra. Expliquei todas as dificuldades que o menino estava encontrando nas minhas matérias, mas que eram pequenos obstáculos que ainda não tinham sido ultrapassados. Não era o fim do ano, precisávamos esperar a evolução, que já estava sendo efetivamente grande.

Para minha tristeza a coordenadora da educação especial interveio dizendo que o pai não tinha que se preocupar com o "passar de ano" porque se isso não acontece não era novidade devido às dificuldades... que o pai não procurou ajuda no início do ano, quando a professora pediu... Blá, blá, blá....

O semblante do pai murchou.

Como dizer isso? Ainda estávamos no início do terceiro bimestre e o ano já estava perdido? Por que ela abriu a boca? E o pai, que agora estava procurando ajuda mesmo que tenha demorado, não merece uma chance? Será que esse aluno não tem mais jeito?

Tentei remediar a situação, animando o pai com os muitos progressos que eu já havia observado em tão pouco tempo, mas acho que foi em vão. Tentei falar algo mais, mas era constantemente interrompida.

Nem tudo é o que parece.

O nervosismo de todas mostrava uma preocupação que não existia, pelo menos não da forma como eu pensava. A preocupação era com as justificativas.

A figura do pai demonstrava até certa hostilidade e ele só queria ajuda.

A pessoa que eu achava tão competente, a coordenadora, me decepcionou e esse pai com certeza saiu dali com uma impressão, que na minha opinião, não deveria.

Mostrar que o aluno é capaz dá trabalho, principalmente para o professor, porque o trabalho é de ambos. Justificar o fracasso de hoje com o que deixou de ser feito ontem é a saída mais fácil, infelizmente.

Aquela mesa continuou vazia depois que todos levantaram. Constatar que um local freqüentemente cheio de idéias, soluções, propostas e tantas outras coisas continuou vazio foi devastador. Não havia uma única folha de papel sequer. A escola não tinha nada de novo a oferecer para aquele pai.

Estou fazendo a minha parte, tentando da melhor forma possível, apesar de saber que não sou perfeita e que ainda estou aprendendo "a ser professora" mesmo já tendo alguns anos de experiência. A cada dia que passa "aprendo" a ver as situações com um olhar diferente, e assim, pensar e repensar nas minhas ações.

.....

Sobre o (a) autor (a):

✓ Monique Oliveira de Sousa Araujo: Aluna do curso de Pedagogia da UERJ